

Rumores e violência

RESUMO

Este artigo examina as relações entre uma forma específica de comunicação, o rumor, e a violência. A maioria dos rumores são “negros”, quer dizer que eles relatam as situações que são, de uma maneira ou de outra, violentas: acidentes, agressões, penúrias, escândalos, etc. Esses rumores narrativos que são as *lendas urbanas* exprimem de maneira fantasiosa o sentimento de insegurança dos nossos dias.

ABSTRACT

This article examines the relationship between rumor, a specific form of communication, and violence. Most rumors are “black” because they report news which deal somehow with violence: accident, aggression, scarcity, scandal... Narrative rumors called *urban tales* which reveal, like in a phantasy, the feelings of insecurity in our days.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Violência (*violence*)
- Rumores (*rumor*)
- Rebeliões (*rebellions*)

OS ESPECIALISTAS desta forma particular de comunicação que é o rumor estão de acordo com a estimativa de que nove entre dez rumores são “negros”, quer dizer, eles relatam ou anunciam acontecimentos negativos: incidentes, agressões, acidentes, fracassos, penúrias, escândalos, etc. Todas as coisas que, de uma maneira ou de outra, são violentas. Os rumores “rosas”, que correspondem ao conteúdo otimista, à realização imaginária de uma vontade ou de um desejo coletivo, são raros. Os rumores alertam os indivíduos contra todo tipo de agressão em relação a suas posses materiais, integridade física ou moral, e mesmo a suas vidas. Deixaremos de lado os rumores onde os agressores são os objetos materiais (medo das novas tecnologias, por exemplo, os rumores sobre os aparelhos de ondas), ou de animais (lendas sobre as aranhas nos *yuccas* ou dos jacarés nos esgotos de Nova York), para nos concentrar naqueles que evocam violências causadas por seres humanos. Certos rumores acusam mesmo nominalmente os indivíduos ou grupos, sociais ou étnicos, de serem os culpados de agressões, justificando assim uma contra-violência. É o fenômeno bem conhecido do “bode expiatório” (Poliakov, 1980; Girard, 1982).

É possível destacar três tipos de ligação entre o rumor e a violência: os rumores geradores de rebeliões; os rumores nas investigações criminais; as representações da violência urbana nas lendas contemporâneas. Desenvolveremos particularmente o terceiro ponto, que corresponde ao nosso campo de pesquisa.

1 Os rumores geradores de rebeliões

Os historiadores que estudaram as revoltas populares mostraram o papel desencadeador desempenhado pelos rumores. Apesar

Jean-Bruno Renard*

IRSA-CRI / Montpellier III

de serem geralmente imprevisíveis, as rebeliões obedecem a um mecanismo simples: “uma multidão que se agrupa sem objetivos precisos, acolhe rumores, amplifica-os, ataca pessoas, pilha e saqueia” (Delumeau, 1978, 144). Não existe nem ação pensada, nem organização, nem plano de luta coerente. A rebelião nasce em um grupo a partir da transformação de um sentimento de inquietude ou de medo num sentimento de agressividade que gera um comportamento violento, tomando por alvo pessoas reais e seus bens materiais. O rumor desempenha o papel de catalisador e serve à designação dos alvos da violência. Dois outros elementos concorrem ao nascimento da rebelião da multidão: um “relaxamento do poder” (Delumeau, 1978, 194), em particular do poder local, que não assegura mais o controle social; e, ao inverso, a ação de “mentores” (mulheres, revolucionários, pregadores religiosos) que atiçam o furor popular.

No século XIV, as epidemias de peste foram atribuídas aos leprosos e aos judeus, que foram massacrados pela crença nos rumores que lhes acusavam de envenenar os poços (Delumeau, 1978).

Em Paris, em 1750, a multidão atacou a polícia e os representantes das autoridades porque rumores circulavam sobre crianças roubadas que teriam seu sangue retirado para curar os aristocratas doentes, em particular o rei Luís XV (Farge e Revel, 1988).

O século XVIII também conheceu numerosas “rebeliões alimentadas”. Estas revoltas populares acusavam a nobreza e o clero de guardar as reservas de trigo enquanto o povo morria de fome (Kaplan, 1982). Essas rebeliões culminaram durante as “jacqueries” do Grande Medo, em julho e agosto de 1789, quando os camponeses pilharam os castelos e executaram os intendentos do rei, exigindo a abolição dos direitos dos senhores sobre as colheitas (Lefebvre, 1932).

Podemos assinalar, no século XIX, as revoltas de julho e agosto de 1841, consecutivas ao projeto do ministro das Finanças, Georges Humann, de recenseamento para

criar um imposto sobre as propriedades em função do número de portas e janelas. Os rumores diziam que fiscais revistariam as casas e recenseariam também o número de aves, de moedas, de roupas, etc. Ocorreram afrontamentos violentos entre o povo e as tropas, principalmente nas regiões de Toulouse e Clermont Ferrand (Caron, 2002).

Outro fato sangrento que aconteceu em Hautefaye, em Dordogne, no dia 16 de agosto de 1870, é revelador das tensões sociais da época: com grande violência e crueldade, os camponeses bonapartistas sacrificaram um jovem aristocrata acusado, por engano, de simpatias republicanas (Corbin, 1990).

No antigo Império russo, e até 1921, os *pogroms*, pilhagem e massacre dos judeus, tiveram muitas vezes rumores como pretexto, um dos quais, recorrente depois da Idade Média europeia: era a acusação contra os judeus de que eles raptavam uma criança cristã para sacrificá-la ritualmente durante a Páscoa Judaica.

Nos Estados Unidos, até os anos 1950, o *linchamento* de negros era resposta a rumores acusativos, geralmente infundados, como, por exemplo, o fato de ter seduzido uma mulher branca. Esses fatos nos lembram que os rumores não são unicamente “palavras ao ar”. Suas conseqüências podem ser terrivelmente concretas e dramáticas.

2 Os rumores nas investigações criminais

A violência exerce uma tal fascinação, que as investigações criminais são acompanhadas por toda uma produção de rumores: rumores alimentando pseudotestemunhos, rumores sobre a identidade do assassino antes que ele seja identificado, rumores sobre o perfil das vítimas de um assassinato em série, etc. Vale a pena mencionar alguns casos criminais onde o rumor teve um papel importante.

Em 1817, Joseph-Bernardin Fualdès, magistrado aposentado em Rodez, em

Aveyron, é encontrado degolado. Este caso, até hoje não elucidado, deu lugar a quatro hipóteses, verdadeiros “romances coletivos” elaborados pelo rumor público (Rouquette, 1992): um caso ligado a histórias de dinheiro; um assassinato ideológico por ultramonarquistas deste homem famoso e enriquecido pela República e pelo Império; um caso ligado à sexualidade, de acordo com certos testemunhas que relataram as aventuras amorosas do velho magistrado; e, enfim, um assassinato político onde Fualdés teria sido suprimido, sob ordem de Luís XVIII, por possuir documentos comprometedores sobre a sua vida. Como escreve Rouquette, “o caso Fualdés escapa à anedota, sai do plano banal do mistério judiciário para se tornar outra coisa: uma ruptura exemplar na opacidade do funcionamento social” (Rouquette, 1992, 101).

O caso Marie Besnard parece ser um caso típico de invenção de um crime e de um criminoso pelo rumor (Favreau-Colombier, 1985). Essa pessoa importante de Loudun foi indiciada e presa em 1949 por 13 envenenamentos, com base em suspeitas (todas as mortes lhe permitiriam constituir uma pequena fortuna), testemunhos acusadores e fatos que pareciam incontestáveis (os corpos dos mortos continham traços de arsênico).

Marie Besnard é chamada por todos de “a envenenadora de Loudun”. Mas ela é libertada em 1954 e absolvida em 1961, logo que o processo esclareceu as coincidências (uma série de mortes que ajudam a acusada), as mentiras (testemunhos caluniosos de vizinhas ciumentas) e a descoberta de uma presença natural de arsênico nas terras do cemitério de Loudun. A convergência destes elementos independentes, sob o efeito catalisador das fofocas de uma pequena vila provinciana, criou a convicção da culpabilidade de Marie Besnard para os habitantes de Loudun, o grande público, as autoridades policiais e a imprensa.

O caso do “matador de Nogent” (Nogent-sur-Oise em Oise) é um caso inverso: os crimes são bem reais e o rumor público

não acreditava na culpabilidade do verdadeiro assassino. De 1969 a 1976, sete mulheres são assassinadas no mesmo setor da pequena vila de Nogent-sur-Oise (Bernard, 1978). Dois tipos de rumores vão emergir. Primeiro, rumores sobre um pretensível perfil das vítimas do matador em série, que seriam todas mulheres jovens, miúdas, morenas e do meio popular. Esse rumor foi tamanho que certas mulheres morenas ficaram tão amedrontadas que colocavam uma peruca loira para sair! Em seguida, rumores sobre a identidade do assassino, que seria um homem importante de tendências perversas (médico, comerciante de gasolina ou mesmo um comissário de polícia – o que explica não se poder pegá-lo).

O verdadeiro assassino, quando preso, revela-se um operário, casado e pai de duas crianças: mas um novo rumor supõe que ele seja inocente e que a polícia teria inventado provas. Pois nesta pequena cidade, onde habitam numerosos ferroviários, reina uma oposição social entre os ricos importantes e os populares. A população, persuadida de que o assassino era um rico, não acredita que o assassino seja um operário. Lembramos que, em 1972, no caso não elucidado de Bruay-en-Artois (Pas-de-Calais), o rumor tinha designado o notário do vilarejo como sendo o assassino de uma adolescente, e militantes trotskistas fizeram desse assassinato um fato emblemático da luta de classes.

De maneira geral, todo assassinato inexplicado suscita rumores sobre a identidade do ou dos culpados. Uma variante importante desses tipos de rumor é a crença na existência de uma *rede* criminosa: vimos nos recentes casos de pedofilia (caso Dutroux, na Bélgica e o processo de Outreau, na França) que o rumor público, substituído, por vezes, pelos advogados das vítimas e de certos órgãos da imprensa, sustentou a tese da existência de uma poderosa rede criminosa, culpando famosos ou personalidades políticas importantes, contra a suposição de um maníaco solitário ou de um grupo restrito de malfeitores.

3 A representação da violência urbana nas lendas contemporâneas

As estatísticas de criminalidade mostram que a violência real é sempre menor que a violência imaginada. A diferença entre os fatos de delinquência ou de criminalidade e o sentimento de insegurança é o terreno onde se desenvolve o imaginário da violência, explorado por numerosas lendas urbanas (Campion-Vincent e Renard, 1992, 2002; Renard, 1999). Apresentaremos abaixo alguns exemplos significativos de lendas contemporâneas que exploram a violência.

As agulhas infectadas com o vírus da AIDS nos cinemas

Em março de 2001, uma advertência dramática circulou amplamente na França por correio eletrônico e sob forma de panfleto. Ela dizia que, em um cinema de Paris, uma pessoa havia sido infectada por uma seringa posta na poltrona com a seguinte mensagem: “você acabou de ser contaminado pelo HIV.” Um Centro de Controle de Doenças teria relatado vários outros acontecimentos semelhantes, e todas as agulhas conteriam o vírus da AIDS. Teriam sido encontradas também agulhas na portinhola das máquinas distribuidoras de bebidas de estacionamento, etc.

O rumor vinha dos Estados Unidos e do Quebec: o evento foi sucessivamente situado em Dallas, Montréal e, depois, Paris. Na França não existe o “Centro de Controle de Doenças”. Somente nos Estados Unidos se encontram os *Centers for Disease Control*. Não somente a história é inverossímil – pois, afinal, podemos realmente imaginar uma seringa enfiada numa cadeira com uma mensagem a ela presa? - mas é cientificamente falsa, pois o vírus da AIDS morre pouco tempo após sua exposição ao ar livre.

A sedução da mensagem diz respeito ao encontro entre o medo de uma contaminação pela AIDS e a evocação de uma pica-

da fatal, algo que já encontramos em outros casos de pânico evocando “os maníacos urbanos”, desde o início do século XIX, ou associados a “La traite des Blanches”¹, no século XX, como o célebre rumor de Orleans (Morin, 1969). Aliás, a seringa toma o lugar dos alfinetes ou dos espinhos envenenados dos contos de antigamente, Branca de Neve ou a Bela Adormecida. Denúncias de picadas nas ruas, ao acaso, visando uma transmissão voluntária da AIDS foram registradas a partir de 1991. Essas lendas são temas típicos de maníacos que imaginamos escondidos nas nossas cidades. Reencontramos esses temas nos rumores das lâminas de barbear introduzidas nos doces de Halloween ou no medo de contaminação bacteriológica. Por exemplo, o pânico do imaginário vírus *Klingerman*, nos Estados Unidos, que precedeu ao ataque bioterrorista real, em outubro e novembro de 2001, com o bacilo do carvão ou “anthrax”. Trata-se de um caso de ostentação, quer dizer, de uma ação realizada por imitação do cenário de um rumor ou de uma simples coincidência?

A gangue dos homens de bonés brancos

De dezembro de 1999 a fevereiro de 2000, um rumor foi difundido na França e em toda Bretanha sobre casos de agressão de moças por uma misteriosa “gangue de homens de bonés brancos”:

Quatro jovens de bonés brancos, a bordo de uma Mercedes com placa de Bouches-du-Rhône, agridem moças. Sob a ameaça de uma lâmina ou de uma gilete, eles as mandam escolher entre o estupro ou a mutilação. As moças que recusam suas investidas são submetidas ao “sorriso de anjo”: que começa por cortes de gilete nos cantos da boca, os quais são seguidos de golpes no ventre, até que a vítima grite e sua boca se rasgue. Para terminar, é colocado sal sobre

os cortes, para impedir a cicatrização.

O rumor circulou pelos colégios e foi espalhado principalmente pelas meninas. Algumas colegiais recusavam-se a sair de suas escolas e telefonavam para que viessem buscá-las, ou pediam para ser acompanhadas até o portão do estabelecimento. Até dezembro de 1999, e durante todo o período de circulação do rumor, as autoridades não pararam de desmentir essas falsas informações. O rumor era totalmente infundado: nenhuma queixa foi registrada pelos fatos alegados, nenhum hospital, clínica ou médico atendeu a uma vítima sequer dos supostos estupros ou mutilações.

Como em todos os fenômenos de rumores, apareceram fatos que pareciam confirmar o rumor. Na realidade, tratava-se de incidentes menores, por exemplo “jovens de carro, volume alto, entrando num estabelecimento escolar para se mostrar” (*Ouest-France*, 3 de fevereiro de 2000) ou, ainda, as fabulações inspiradas pelo rumor: “Uma jovem deu queixa na delegacia, assegurando ter sido obrigada a subir em um furgão branco e depois agredida por um indivíduo que a teria cortado com uma gilete. Os investigadores da polícia rapidamente fizeram um inquérito aprofundado. A jovem confessou ter inventado tudo para justificar sua ausência na escola. Ela mesma teria se cortado para tornar sua história mais crível...” (*Le Télégramme de Brest*, 12 de fevereiro de 2000).

Já mostramos (Campion-Vincent et Renard, 2002) que esse rumor foi largamente inspirado por persistentes rumores britânicos sobre as gangues ultraviolentas (Roud, 1989). Nos anos 1950, as “gangues da gilete de Glasgow” teriam agredido suas vítimas cortando-lhes os cantos da boca. Em 1970-1972 foi a vez da “gangue de roupas verdes (ou vermelhas) de Liverpool”: eles mutilavam suas vítimas gravando sobre seu rosto círculos ou cruces com uma gilete. No mesmo momento, o célebre filme de Stanley Kubrick, *Laranja mecânica* (G-B., 1971), colocava em cena um grupo de jovens bandidos, vestidos de branco e usan-

do um “chapéu-melão”, adeptos da ultraviolência, praticando estupros e agressões. Em janeiro e fevereiro de 1989, foi a vez do rumor dos “Risos de Chelsea” (*Chelsea Smilers*), um bairro de Londres onde havia um famoso time de futebol. Segundo este, uma gangue de jovens abordava alguns estudantes fazendo-lhes perguntas sobre o clube de futebol de Chelsea. Depois, cortam-lhes os cantos da boca com uma faca ou uma gilete, socando-lhes na barriga para que elas gritassem e aumentassem os cortes. Segundo Steve Roud, a origem desses rumores se encontraria nas violências reais dos torcedores de futebol, que utilizavam facas e lâminas de gilete em suas disputas. O rumor transformou a *violência interna* entre os torcedores das equipes adversárias, em uma *violência externa* que ataca, de maneira atroz, vítimas jovens e inocentes. Nos Estados Unidos as lendas urbanas contam que para ser admitido em uma gangue, os delinquentes devem cometer, a título de prova iniciática, uma mutilação ou um assassinato: por exemplo, para ingressar em uma gangue, jovens negros teriam que cortar o pênis de meninos brancos (Brunvand, 1984, 82-92) ou, em outro caso, andar de carro durante a noite, com os faróis apagados, perseguindo e matando o primeiro motorista que lhes sinalizasse com os faróis (“*Lights out!*”, *FoafTale News*, 31, 1993, 5-6).

As referências aos bonés brancos e a Marseille indicam tratar-se de *hooligans* desta cidade, mesmo que o rumor não fale abertamente dos torcedores do O.M². A imagem do malandro se impõe àquela do torcedor. Observamos, igualmente, um desvio racista do rumor: primeiro o carro de placa de Bouches-du-Rhône, depois, a referência aos “Marseillais”, de onde podemos certamente tirar uma alusão aos magrebinos e aos muçulmanos, e uma versão mencionará os “turcos”. A lenda da “gangue de bonés brancos” exprime o medo da agressão sexual, o medo da violência pura (o malandro da gilete) e o medo do estrangeiro (os marseillais, os turcos). Os diferentes casos de violências esco-

lares que alimentam cada vez mais os noticiários nos últimos anos na França criaram um clima de insegurança propícia a esse gênero de rumor.

A velha senhora e o agressor mascarado

A história seguinte circulou largamente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1970:

É inverno. Uma senhora idosa, que vive sozinha, está atizando o fogo da sua lareira. A campainha toca. Ela abre a porta e vê-se frente a frente com um homem agressivo que tenta entrar e tem o rosto escondido por uma meia. A velha senhora se defende dando um golpe com um tição incandescente na mão do agressor, que foge gritando. Ela telefona à polícia e vai se refugiar na casa dos vizinhos, um casal simpático que ajuda-lhe com frequência. Mas a jovem vem abrir a porta em grande estado de agitação: ela diz que seu marido acabou de chegar com uma grande queimadura na mão (segundo Brunvand, 1984, 37-41).

Essa lenda ensina, primeiramente, que se deve desconfiar de todo mundo, e também de seus vizinhos. Reencontramos este tema na lenda do “jovem desviante e o jantar na cidade” (Campion-Vincent e Renard, 1992), em que um jovem burguês de Neuilly (bairro nobre de Paris) vai roubar o domicílio do casal que está jantando na casa de seus pais e é morto pelo filho deles. Em segundo lugar, a lenda justifica os comportamentos de autodefesa. Em várias lendas de insegurança, os agressores sofrem uma mutilação da mão (“O dobermann que sufoca”, “O malandro da corrente”): como não ver ali uma reminiscência dos antigos castigos infligidos aos ladrões! O golpe do tição evoca a mesma marca a ferro que sofriam os criminosos. Klintberg (1982) explica a frequência do tema da vingança nas lendas urbanas pelo fato de a justiça moderna ser reticente em relação à autodefesa, e de continuarmos

inconscientemente fascinados por uma justiça arcaica, expeditiva, fundada sobre a lei do talião. Aliás, é interessante notar que, se o gentil vizinho da lenda possui um lado escondido de criminoso, a velha senhora revela também potencialidades agressivas. Todos seríamos, então, Dr. Jekyll e Mr Hyde! O personagem do vizinho agressor encontra seu antecedente no folclore tradicional, relativo ao lobo dos contos – por exemplo, o lobo que quer entrar na casa dos três porquinhos ou dos cabritos – ou, melhor ainda, na figura do lobisomem, que acumula os temas da metamorfose e da violência. A folclorista inglesa Jacqueline Simpson (1981), estudando esta lenda urbana, pertinentemente observou que o reconhecimento do agressor por sua ferida corresponde ao tema da “dupla ferida” nas histórias do lobisomem: desmascaramos o homem que se metamorfoseava em lobo porque ele tem uma ferida no mesmo lugar do corpo em que o animal foi machucado.

Em uma outra lenda urbana, “a carona cabeluda” (Brunvand, 1984, 52-55), é a vez de um louco assassino, fantasiado de mulher, ser traído pela pilosidade de seu antebraço.

● seqüestro fracassado

Esta história apareceu na França em 1996. O cenário é o seguinte: em um supermercado, uma mulher tira os olhos por um momento de seu filho de sete ou oito anos. Não conseguindo encontrá-lo, ela se desespera, e os responsáveis pela loja fecham as portas e organizam uma busca. A criança é encontrada no banheiro, com os cabelos pintados ou cortados, vestida com outra roupa. Os seqüestradores não podem ser identificados.

Vários elementos do relato são bastante improváveis: o dito fechamento das portas é impossível e ilegal; pintar ou cortar os cabelos de uma criança desconhecida seria uma operação muito difícil, assim como despir e vestir a vítima (muitas vezes

para se colocar roupas de menino em uma menina ou vice-versa). Enquanto o desaparecimento e a recuperação da vítima são detalhados com precisão, os seqüestradores permanecem indefinidos, assim como seus motivos supostos: adoção, tráfico de órgãos, pedofilia.

Os relatos de “seqüestros fracassados” tiveram origem nos Estados Unidos a partir de 1978 (Brunvand, 1981, 182-183; Brunvand, 1984, 78-92), e diziam respeito a uma adolescente. Em 1983 surgiu sua versão atual, em que a vítima é um menino. Nossa época é marcada pela obsessão dos crimes sexuais, em particular da pedofilia, considerada como crime supremo.

Os snuff movies

A crença nos *snuff movies* é, hoje, bastante divulgada: os *snuff movies* são filmes clandestinos de curta duração, filmados para consumo de aficionados ricos e perversos, nos quais a atriz (trata-se geralmente de uma mulher, às vezes um adolescente) é realmente torturada e morta. Até o momento atual, não existe nenhuma prova da existência de tais filmes (Finger, 2001). Os supostos *snuff movies* examinados por especialistas revelaram-se falsos, realizados com as trucagens habituais dos filmes *gore*.

De um ponto de vista criminológico, a existência dos *snuff movies* parece pouco verossímil. Em primeiro lugar, no plano “econômico”: os *snuff* são pouco rentáveis, pois o mercado é muito limitado (ao contrário da droga, da prostituição ou do jogo), e o lucro é relativamente fraco em relação à enormidade de riscos corridos (pena de morte ou prisão perpétua). Em segundo lugar, a realização e a difusão dos *snuff* necessitam, se não de uma rede, ao menos de vários cúmplices para divulgar o fato. Enfim, por que correr tantos riscos realizando *snuff movies* verdadeiros quando podemos produzir falsos, parecendo perfeitamente autênticos graças às técnicas de trucagens cada vez mais sofisticadas?

Duas séries de fatos reais tornaram verossímil a existência dos *snuff movies*. A existência de filmes de morte violenta ao vivo é uma delas: trata-se de seqüências feitas por amadores que, encontrando-se por acaso no local, registraram com suas câmeras uma morte acidental ou criminosa; ou, ainda, de seqüências de execuções capitais, ou, mais raramente, de cenas de torturas filmadas para fins de propaganda. Outra é a existência de fotos ou filmes realizados por assassinos em série. Esse gênero é o mais perto dos *snuff movies* de que se chega, embora não o seja por dois motivos: até hoje nenhum filme de assassino em série parece ter apresentado a morte ao vivo de uma vítima (as imagens gravam o antes ou o depois); em seguida, não existe nenhuma intenção comercial nestes filmes, geralmente realizados para uso privado do psicopata criminoso.

Para que o rumor dos *snuff movies* tomasse corpo, faltava dissociar esses filmes de sua primeira origem, os assassinos em série, para associá-los à indústria do cinema pornográfico. Nesse processo, um papel importante foi representado nos anos 1970, nos Estados Unidos, por associações de defesa da ordem moral como os *Citizens for Decency through Law* (Cidadãos pela decência pela lei) ou movimentos feministas (*Women against Violence against Women*). A lenda dos *snuff movies* foi produzida pelo imaginário coletivo para exprimir, sob uma forma extrema, um conjunto de problemas bem reais que preocupam, e mesmo amedrontam, nossos contemporâneos: a onipresença do sexo e da violência, a generalização do voyeurismo e a confusão entre a ficção e a realidade.

A lenda dos roubos de órgãos

No final dos anos 1980 emergiram rumores de roubos de órgãos: grupos criminosos organizados seqüestravam indivíduos para retirar-lhes os órgãos que eram vendidos clandestinamente a pacientes ricos que

necessitavam de transplante (Campion-Vincent, 1997). Três lendas típicas podem ser distinguidas: aquela dos “bebês em peças”, em que crianças da América Latina, supostamente adotadas, são mortas para fornecer órgãos aos países ricos; aquela dos “ladrões de olhos”, onde crianças da América Latina são seqüestradas e mutiladas (retirada de um rim ou de córneas); e, enfim, aquela do “rim roubado”, onde adultos de países ricos, seduzidos uma noite por uma mulher desconhecida, descobrem-se com um rim a menos no dia seguinte. Inverídico cientificamente falando. O tema do roubo de órgãos foi construído a partir de fenômenos reais, mas independentes: a existência de tráfico de órgãos, a violência urbana na América Latina (assim como a culpabilidade das adoções mais ou menos forçadas) e o mal-estar ético frente às técnicas de transplantes de órgãos. Os mais aflamados crentes e difusores da lenda foram os grupos progressistas e terceiro mundistas, para os quais os roubos de órgãos constituem a forma extrema da exploração dos países pobres pelos países ricos.

Conclusão

“Quem diz rumor diz medo”, escreve Jean Delumeau (1978, 147). Os rumores são reações exorcizantes de todo tipo de medo, que têm em comum o medo da violência que pode ser exercida sobre nós. O paradoxo é que o rumor produz, por sua vez, uma contra-violência, real ou simbólica. A maior parte das lendas contemporâneas que tratam da violência são vetores do sentimento de insegurança. Existe, entretanto, certos depoimentos que denunciam os medos sem razão. Por exemplo essa anedota que circulava nos Estados Unidos no início dos anos 1970:

Um homem sai cedo pela manhã para fazer seu cooper. No parque, ele se choca contra um outro corredor. Ele percebe que não tem mais sua carteira.

ra. Ele segura o homem, o ameaça e recupera a carteira. Mas, assim que entra em casa, descobre que tinha esquecido sua carteira em cima da mesa (segundo Brunvand, 1984, 188-189).

Os preconceitos relacionados à insegurança fizeram dele um ladrão! Assim, as lendas não são unicamente a expressão do medo e da violência, elas podem ser também uma incitação ao questionamento sobre qual é a fonte da violência e sobre nossas representações individuais e coletivas.

Notas

Texto traduzido do francês por Clélia Pinto

* Professor de Sociologia na Universidade Paul Valéry – Montpellier III. Coordenador do Mestrado de Sociologia. Pesquisador no Institut de Recherches Sociologiques & Anthropologiques e no Centre de Recherches sur l’Imaginaire. Contato: Jean-Bruno.Renard@univ-montp3.fr

1 Tráfico de escravas brancas.

2 *Olympique de Marseille*.

Referências

- BERNARD, Carmen. L’ombre du tueur: réflexions anthropologiques sur une rumeur, In: *Communications*. ed. 28, pp. 165-185, 1978.
- BRUNVAND, Jan Harold. *The vanishing hitchhiker: american urban legends and their meanings*. New York: Norton, 1981.
- _____, *The Choking Doberman: and other “new” urban legends*. New York: Norton, 1984.
- CAMPION-VICENT, Véronique. *La Légende des vols d’organes*. Paris: Les Belles Lettres, 1997.
- CAMPION-VICENT, Véronique; RENARD, Jean-Bruno. *Légendes urbaines: Rumeurs d’aujourd’hui*. Paris: Payot, 1992.

-
- _. *De source sûre: nouvelles rumeurs d'aujourd'hui*. Paris: Payot, 2002.
- CARON, Jean-Claude. *L'Été rouge: chronique de la révolte populaire en France (1841)*. Paris: Aubier, 2002.
- CORBIN, Alain. *Le Village des cannibales*. Paris: Aubier, 1990.
- DELUMEAU, Jean. *La Peur en Occident (XIV^e-XVIII^e siècles)*. Paris: Fayard, 1978.
- FARGE, Arlette; REVEL, Jacques. *Logiques de la foule: l'affaire des enlèvements d'enfants, Paris, 1750*. Paris: Hachette, 1988.
- FAVREAU-COLOMBIER, Jacqueline. *Marie Besnard: la force de l'innocence*. Paris: Robert Laffont, 1985.
- FINGER, Sarah. *La Mort en direct: les snuff movies*. Paris: Le Cherche Midi Éditeur, 2001.
- GIRARD, René. *Le Bouc émissaire*. Paris: Grasset, 1982.
- KAPLAN, Steven Laurence. *Le Complot de famine: histoire d'une rumeur au 18^e siècle*. Paris: Armand Colin, 1982.
- KLINTBERG, Bengt af. Why are there so many modern legends about revenge? In: SMITH, Paul (org). *Perspectives on Contemporary Legend*. Sheffield: CECTAL, 1982. pp. 141-146.
- LEFEBVRE, Georges. *La Grande Peur de 1789*. Paris: Armand Colin, 1988 [1932].
- MORIN, Edgar. *La Rumeur d'Orléans*. Paris: Seuil, 1969.
- POLIAKOV, Léon. *La Causalité diabolique*. Paris: Calmann-Lévy, 1980.
- RENARD, Jean-Bruno. *Rumeurs et légendes urbaines*. Paris: PUF, 1999.
- ROUD, Steve. Chelsea Smilers: Interim Report on a Gang-Violence Rumor. In: *FoafTale News*, ed. 15, pp. 1-2, 1989.
- ROUQUETTE, Michel-Louis. *La Rumeur et le Meurtre. L'affaire Fualdès*. Paris: PUF, 1992.
- SIMPSON, Jacqueline. Rationalized motifs in urban legends. In: *Folklore*, ed. 92, pp. 203-207, 1981.